Caderno

Olinda

1958

A. L. P.

8 de janeiro

A rua acaba no arrecife. Minha mãe chama o que está depois, sem poesia, de o largo. Meu pai não chama. Conta anzóis. O caderno não é para ele, e ele não pergunta.

3 de março

Faltam nove dias para eu fazer vinte e sete. Não anotei isto para me lembrar da idade. Anotei porque a linha, daqui da calçada, acaba num coqueiro de um lado e num barco do outro. Não é o fim do mundo. É o fim do que eu vejo.

12 de março

Vinte e sete. Meu pai não interrompeu a conta. Eu também não pedi. Fiquei um pouco à porta, descalço, vendo a água mudar de cor sem mudar de lugar. Quem parte este ano para estudar fora fala nisso como quem muda de vida. Eu ainda estou na rua de onde se vê o arrecife.

2 de abril

Choveu de manhã e a ladeira ficou escorregadia. Não houve maré dentro de casa. Houve gente passando com o jornal na cabeça e o pão debaixo do braço. Quis escrever que a cidade inteira se curvava à água. Não se curvava. Comprava pão.

19 de maio

Escrevi: o mar é um espelho da alma. Risquei. A frase ficou bonita e não molhou. O espelho fica em casa, parado. A água não fica. Se eu repetir a frase riscada, é para não fingir que não a escrevi.

7 de julho

Subi ao outeiro e a linha recuou. Desci e ela veio. Não foi o mar que andou. Fui eu. Ainda não tenho nome para isso. Tenho o cansaço nas pernas e a certeza de que infinito, dito daqui, é uma palavra grande demais para uma coisa que um coqueiro corta.

18 de agosto

Quis escrever que o mar me foi deixado, como se meu pai pudesse legar uma água. Risquei. Não herdei o mar. Herdei a teimosia de olhá-lo até que me respondesse com precisão, não com consolo.

30 de setembro

No jornal, o país fala de uma capital que ainda não existe, no interior. Li de pé, no balcão. Quando acabei, o arrecife continuava no mesmo lugar. Não tenho nada contra quem olha para o sertão. Eu, hoje, não consegui olhar para outro lado.

14 de novembro

De noite a linha some e o ouvido fica com o emprego da vista. Um motor ao longe, uma voz na ladeira, a água no arrecife. Não é pensamento. É o que resta quando a vista se demite. Apaguei o candeeiro cedo. O largo não precisava de mim aceso.

2 de dezembro

Não tenho mais o que anotar este ano. O caderno fica na gaveta, debaixo da linha de pescar que meu pai não vendeu. Se alguém o abrir, que não procure um livro. Não houve livro. Houve dias, e uns ficaram de fora porque não tiveram frase.

NOTA DE ACERVO

Amadeu Lacerda Pessanha é uma persona literária fictícia criada com Grok, e Cadernos de Olinda, 1958, é uma nota produzida a partir dessa persona. Não é livro. Ele tinha vinte e sete anos.

Margem 37 — Para histórias à procura de uma margem.